

**ENTRE A INVISIBILIDADE E A HIPERSEXUALIZAÇÃO: Experiências de Mulheres
Lésbicas e Bissexuais de Paulo Afonso-BA**

***BETWEEN INVISIBILITY AND HYPERSEXUALIZATION: Experiences of Lesbian and
Bisexual Women in Paulo Afonso-BA***

***ENTRE LA INVISIBILIDAD Y LA HIPERSEXUALIZACIÓN: Experiencias de Mujeres
Lesbianas y Bissexuales de Paulo Afonso-BA***

Weshiley Pereira Ramos

Psicóloga, pós-graduada em Terapia Cognitivo Comportamental e Psicologia Hospitalar

E-mail: weshileyr@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-8769-2977>

Bruno Robson de Barros Carvalho

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco

Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio São Francisco-UNIRIOS

E-mail: brunorobson@outlook.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0432-1808>

RESUMO

A hipersexualização das relações entre mulheres constitui um fenômeno social atravessado por marcadores de gênero, sexualidade e poder, que produz simultaneamente invisibilização e fetichização de mulheres lésbicas e bissexuais. Inserido nesse contexto, o presente estudo discute as experiências de mulheres que se relacionam com mulheres no município de Paulo Afonso, Bahia, evidenciando como o machismo estrutural influencia a forma como esses relacionamentos são socialmente interpretados. O objetivo da pesquisa foi investigar como mulheres lésbicas e bissexuais convivem com a sexualização de suas relações afetivo-sexuais e de que maneira lidam com os impactos dessa hipersexualização em seu cotidiano. Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, realizada com cinco mulheres, com idades entre 24 e 29 anos, por meio de questionário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas, cujos dados foram analisados a partir da Análise Hermenêutica-Dialética. Os resultados indicam que as participantes vivenciam recorrentes situações de objetificação, fetichização e deslegitimação de seus relacionamentos, o que afeta suas experiências afetivas e sociais. Como estratégias de enfrentamento, destacam-se a construção de redes de apoio LGBTQIA+, o estabelecimento de limites, a busca por espaços seguros e o investimento em processos de autoaceitação e educação crítica.

Palavras-chave: estudos de gênero; hipersexualização; invisibilidade; mulheres bissexuais; mulheres lésbicas.

ABSTRACT

The hypersexualization of relationships between women constitutes a social phenomenon shaped by gender, sexuality, and power relations, simultaneously producing invisibility and fetishization of lesbian and bisexual women. Within this context, this study examines the experiences of women who have relationships with women in the municipality of Paulo Afonso, Bahia, highlighting how structural sexism influences the social interpretation of these relationships. The objective of

the study was to investigate how lesbian and bisexual women live with the sexualization of their affective-sexual relationships and how they deal with the impacts of hypersexualization in their daily lives. This is a field study with a qualitative, exploratory, and descriptive design, conducted with five women aged between 24 and 29 years. Data were collected through a sociodemographic questionnaire and semi-structured interviews and analysed using Hermeneutic-Dialectical Analysis. The results indicate that participants frequently experience objectification, fetishization, and the delegitimization of their relationships, which negatively affect their affective, social, and emotional experiences. As coping strategies, the findings highlight the construction of LGBTQIA+ support networks, the establishment of personal boundaries, the search for safe spaces, and investment in processes of self-acceptance and critical education.

Keywords: gender studies; hypersexualization; invisibility; bisexual women; lesbian women.

RESUMEN

La hipersexualización de las relaciones entre mujeres constituye un fenómeno social atravesado por marcadores de género, sexualidad y poder, que produce simultáneamente invisibilización y fetichización de mujeres lesbianas y bissexuales. En este contexto, el presente estudio analiza las experiencias de mujeres que se relacionan con mujeres en el municipio de Paulo Afonso, Bahía, evidenciando cómo el machismo estructural influye en la forma en que estos vínculos son socialmente interpretados. El objetivo de la investigación fue analizar cómo mujeres lesbianas y bissexuales conviven con la sexualización de sus relaciones afectivo-sexuales y de qué manera enfrentan los impactos de la hipersexualización en su vida cotidiana. Se trata de una investigación de campo, de enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo, realizada con cinco mujeres de entre 24 y 29 años. La recolección de datos se llevó a cabo mediante un cuestionario sociodemográfico y entrevistas semiestructuradas, analizadas a partir del enfoque hermenéutico-dialéctico. Los resultados muestran que las participantes vivencian recurrentes situaciones de objetificación, fetichización y deslegitimación de sus relaciones, afectando sus experiencias sociales y afectivas. Como estrategias de afrontamiento, se destacan la construcción de redes de apoyo LGBTQIA+, el establecimiento de límites, la búsqueda de espacios seguros y el fortalecimiento de procesos de autoaceptación y educación crítica.

Palabras clave: estudios de género; hipersexualización; invisibilidad; mujeres bissexuales; mujeres lesbianas.

INTRODUÇÃO

Como apresentado por Gayle Rubin (2017)²³, a sociedade capitalista, por meio de vários sistemas, objetifica a sexualidade, principalmente feminina, a transformando em um produto. As mulheres então se encontram nesse sistema de opressão capitalista, visto que, o trabalho

²³ Descrito no ensaio “O tráfico de mulheres”, de 1975

doméstico seria um dos principais elementos que auxiliam na reprodução de quem vale mais ou menos, já que esse trabalho não é remunerado, as mulheres que o fazem, contribuindo assim para a satisfação e cuidado do mantenedor da casa, tornando assim a mulher como uma das necessidades de um trabalhador.

Rich (2013) se mostra a favor de um continuum lésbico²⁴, em que o existir lésbico precisa ser reconhecido e trará poder a vida das mulheres. A autora continua mostrando como as mulheres lésbicas e bissexuais são apresentadas socialmente como pessoas que estão amarguradas com os homens, homens esse que umas das maiores características do ser homem seriam o negacionismo da sexualidade feminina, o controlar sexual e mental da mulher.

A existência lésbica, em sua maioria, pode ser validada apenas enquanto algum homem se beneficia com isso. Benefício esse trazido quando a figura feminina é vista como um objeto de apetite sexual a ser consumido, como em propagandas e pornografias, em que apresentam a mulher como uma presa que precise de domínio e que goste disso, erotizando o abuso físico e a humilhação. As mulheres com o tempo aprendem que a violação masculina é algo “normal” e que quanto mais vulnerável se mostra, mais o desejo sexual do outro é estimulado. O existir lésbico quebra barreiras quanto a um modo de vida regado pela compulsão, mesmo sendo visto como um ataque ao direito do homem de acessar livremente as mulheres (Rich, 2013).

A escolha do tema se deu pela preocupação com as representações de mulheres na mídia e na sociedade em geral. Podendo acarretar em pressão para atender a padrões irrealistas, normalização da violência sexual, objetificação e redução a estereótipos, além de desigualdade de gênero e impactos econômicos e sociais. A sociedade atual está saturada de imagens que retratam a feminilidade de maneira estereotipada e muitas vezes hipersexualizada, auxiliando a percepção de que as mulheres são frequentemente reduzidas a objetos, desprovidas de identidade. A fetichização não é apenas uma questão de representação na mídia, mas também uma manifestação mais ampla das desigualdades de gênero e das normas sociais opressivas que moldam nossas percepções e comportamentos.

A pesquisa também se concentrará no encontro entre a hipersexualização, desigualdade de gênero e invisibilidade, investigando como as representações exacerbadas podem contribuir para a perpetuação de papéis tradicionais e limitar o empoderamento feminino, examinando os impactos psicológicos e sociais da erotização de mulheres lésbicas e bissexuais,

²⁴ As "épocas mais militantes" referidas por Rubin dizem respeito a períodos históricos ou contextos em que houve uma mobilização significativa em torno de questões relacionadas à sexualidade, gênero e direitos sexuais. Esses períodos são caracterizados por uma maior visibilidade e ação política em relação a temas sexuais, muitas vezes desafiando as normas e estruturas vigentes.

consequentemente, abordará questões prejudiciais, pressões sobre a autoimagem e implicações para a saúde mental, enfatizando consequências em longo prazo nos relacionamentos afetivo-sexuais de mulheres que se relacionam com mulheres.

O presente estudo teve como objetivo investigar como mulheres em relacionamentos lésbicos e bissexuais convivem com a sexualização de suas relações amorosas. Lançando um olhar para como essas mulheres são socialmente controladas e reguladas em relação à sua sexualidade e seus corpos, examinando as maneiras pelas quais as instituições sociais, culturais e políticas moldam a sexualidade humana, bem como essas estruturas afetam diferentes grupos, incluindo as mulheres.

Esta pesquisa contribui para o avanço teórico no campo dos estudos de gênero, sexualidade e diversidade, fornecendo novos insights sobre as interseções entre invisibilidade, hipersexualização e identidades sexuais no contexto específico do Nordeste brasileiro. Além disso, ao adotar uma abordagem empírica, a pesquisa oferece dados qualitativos e quantitativos que podem servir de base para estudos futuros (Facchini, 2018).

Dar voz às experiências das mulheres lésbicas e bissexuais no Nordeste brasileiro é um ato de empoderamento e representatividade. Esta pesquisa pode ajudar a desafiar estereótipos prejudiciais e promover uma imagem mais autêntica e diversificada da sexualidade feminina na região (Vianna, 2019).

1 CORPOS, DESEJOS E NORMAS: LEITURAS SOBRE RELAÇÕES ENTRE MULHERES

1.1 DICIONÁRIO SOCIAL DE GÊNERO

John Money, um dos pioneiros no estudo de gênero nos anos 1950, introduziu o conceito de identidade de gênero, diferenciando-o do sexo biológico. Para Money, o gênero era um papel social aprendido e construído a partir de interações entre fatores biológicos e culturais. Ele argumentava que a identidade de gênero se formava em grande parte durante os primeiros anos de vida, moldada pelo ambiente social e pela educação (Money, 1955). Essa visão, embora inovadora à época, tem sido criticada por seu caráter determinista e por negligenciar as complexidades da experiência subjetiva de gênero.

Judith Butler, por sua vez, nos anos 1990, trouxe uma abordagem pós-estruturalista e performativa ao debate. Em sua obra *“Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade”*, Butler propõe que o gênero não é algo que uma pessoa “é”, mas algo que a pessoa

"faz" — uma série de atos e performances reiteradas que se tornam naturalizadas ao longo do tempo (Butler, 1990). Para Butler, o gênero é construído socialmente e performativamente, não sendo necessariamente vinculado ao sexo biológico. Essa perspectiva desconstrói a noção de gênero como uma essência fixa e abre espaço para entender as identidades como fluidas e múltiplas.

Enquanto Money buscava uma relação entre o gênero e o desenvolvimento psicossocial individual, Butler desloca o foco para as estruturas de poder e os discursos que moldam e regulam as normas de gênero. Assim, ambos os autores contribuíram para a compreensão do gênero, embora a partir de paradigmas distintos: Money, com uma visão biomédica e comportamental; Butler, com uma abordagem crítica e socioconstrutivista.

Saffioti, em seu livro *O Poder do Macho*, de 2001, traz a facilidade de identificar a desigualdade de gênero na sociedade, cuja identidade social é construída pelas diferentes atribuições que são dadas a cada gênero de acordo com a cultura e sociedade em que está inserida, a grande maioria baseada na delimitação dos papéis que a mulher vai exercer. A autora continua nos levando a observar uma das principais tarefas dadas a mulher: a criação de seus filhos e o cuidar da casa, é atribuído também à função de socializar esse filho. Tornando assim o trabalho doméstico uma função que deve ser exercida por uma mulher, sendo ou não remunerada por isso, visão essa que continua sendo perpetuada por um olhar de que todos os cuidados domésticos seriam vistos de forma pejorativas pela figura masculina, então lhe é imposto à figura feminina.

Federici (2019) traça uma linha histórica das lutas das mulheres, desde as bruxas na Europa medieval até os movimentos feministas contemporâneos, demonstrando o quanto essas lutas são essenciais para resistir ao capitalismo. A obra explora a campanha pelo "salário pelo trabalho doméstico" como uma proposta crucial na luta pela valorização do trabalho reprodutivo e pela transformação das relações de gênero. Esta campanha surgiu como uma tentativa de reconhecer e remunerar o trabalho doméstico e de cuidados, atividades predominantemente realizadas por mulheres. Federici argumenta que essa desvalorização do trabalho reprodutivo é uma estratégia do capitalismo para manter as mulheres em uma posição de subordinação e dependência econômica. Ao introduzir a ideia de remuneração, a campanha tenta mudar a forma como o trabalho doméstico é percebido e valorizado socialmente, transformando a remuneração do trabalho doméstico uma forma de combater a exploração capitalista (Federici, 2019).

Tais hierarquias de gênero seguem produzindo vantagens e desvantagens, o livro *Gênero e desigualdades: limite da democracia no Brasil* de Flávia Biroli, publicado em 2018,

segue acompanhando atualizações de dados, sendo um deles do século XX, em que as mulheres tiveram um aumento ao acesso à educação e trabalho remunerado, tendo um aumento de 59% em 2005, índices esses que em 1970 apresentaram um percentual de 18,5%, passando para 55% no século seguinte, apresentando uma mudança nos ritmos que desde muito tempo eram impostos à mulher.

Por muitas décadas os homens e mulheres foram vistos como seres diferentes, visão essa que foi normalizada com o passar do tempo; por consequência, a mulher ficou durante muito tempo sendo subordinada e colocada em um lugar abaixo dos homens, sendo cada vez mais naturalizada a ideia do homem como ser superior e a mulher como sua dependente. Um dos grandes obstáculos dessa divisão tem sido a adaptação feminina nesse lugar inferiorizado, não só sobre si, mas sobre a sociedade e o mundo que a rodeia em que o grande objetivo desde que se nasce mulher seria encontrar uma imagem masculina para ser bem-vista na sociedade, como um troféu (Souza, 2020).

Na América Latina, segundo Biroli (2018), a defesa da família tem sido um dos principais temas nas discussões durante o século XXI, cujo objetivo era impedir o crescimento do feminismo em direção à liberdade das mulheres para possuir o controle de seus corpos, assim como de buscarem uma forma de excluir a associação entre homossexualidade e família; o conceito de família e sexualidade ainda estava sob controle, alterando assim a definição de heterossexualidade como base da família. Na visão de “família tradicional”, o empoderamento da mulher pode ser visto em muitos casos como uma ameaça e a aproximação do fim do relacionamento heterossexual, sendo responsável pela ideia de que ambos são responsáveis pelas atividades tanto financeiras quanto domésticas, ainda muito pouco compreendidas pela figura masculina; ao mesmo tempo, esse empoderamento leva a mulher à reflexão e busca pelo respeito a si própria, impondo assim limites que até então eram impostos como regras e limites de outras pessoas, invalidando sua subjetividade e seu papel na sociedade.

Em O Segundo Sexo, Simone de Beauvoir (1980), estuda a forma como a opressão do patriarcado afeta o comportamento e as atitudes das mulheres. Ela afirma que devido à natureza patriarcal da sua socialização desde a infância, as mulheres podem converter e até promover convenções sexistas, apesar de estarem subordinadas ao sistema. Este comportamento não os constitui verdadeiramente “machos”, mas reproduz um sistema opressivo que lhes foi inculcado. Beauvoir desaprova este desígnio patriarcal e defende um reexame e alteração das normas de gênero, a fim de promover a verdadeira igualdade e libertação para as mulheres.

1.2 CONTROLES SOBRE SEXUALIDADE E FAMÍLIA

De acordo com Welzer-Lang (2001) em “*A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*”, a dominação masculina é uma realidade inegável, reforçada pelo sexismo e pela heteronormatividade. Enraizado na crença de que os homens têm superioridade sobre as mulheres, afirma-se que os homens exercem controle coletivo e individual sobre as mulheres, na esfera privada e pública, concedendo aos homens vantagens materiais, culturais e simbólicas. Rich (2012) examinou essa questão na década de 1980 (um período marcado por um intenso estudo feminista das raízes da dominação masculina), questionando a suposição de que as mulheres recorrem a outras mulheres devido a homens opressivos e emocionalmente distantes, sem abordar por que algumas mulheres persistem em relacionamentos insatisfatórios com homens opressivos.

Em *Políticas de Sexo*, Gayle Rubin (2017) volta a afirmar que “o sexo sempre foi político”, variando entre períodos; a sexualidade se mostrou mais rejeitada em épocas mais militantes, em que o controle da sexualidade de todos sempre precisava ser revisto e renegociado, estando os corpos sempre no meio de discussões, destacando ainda mais o papel social e político sobre por onde esse corpo passeia. Monique Wittig (1992) afirma que o surgimento de esforços para redefinir as mulheres está florescendo justamente devido à necessidade de que cada pessoa não deve se limitar à sua opressão. O cerne da questão, que diz respeito não apenas às mulheres, está na definição do indivíduo e da classe social. Reconhecer a opressão exige compreender e experimentar o potencial de formar sua identidade como sujeito, em vez de objeto de opressão, cultivar um senso de identidade em meio à opressão e reconhecer que cada pessoa possui uma identidade única. Sem uma identidade definida e uma motivação interna para resistir, não existe uma luta eficaz, pois, embora a ação coletiva seja crucial, a batalha inicial é travada individualmente.

A autora surge então com a seguinte pergunta: o que exatamente constitui o “outro” em comparação com a figura dominante? A sociedade heterossexual não apenas impõe dominação aos homossexuais, mas também marginalizam vários outros grupos, oprimindo todas as mulheres. O ato de fabricar e gerenciar essas distinções representa um exercício de poder, servindo como um mecanismo regulador. A luta de classes entre homens e mulheres poderá acabar por erradicar essas distinções entre o feminino e masculino.

1.3 EXISTÊNCIA LÉSBICA

Movimentos feministas e LGBTQIAPN+ seguem lutando pelos seus direitos de viver

sua sexualidade sem violência ou preconceitos, o que tem trazido alterações nos padrões sociais de julgamentos. Porém, a segurança de viver assim está longe de ser concretizada. No ano de publicação do livro *Gênero e Sexualidades*, de Flávia Biroli, em 2018, mais de 70 países ainda criminalizavam a sexualidade (com exceção da Europa). Em 10 destes países, a homossexualidade era considerada pena de morte. Outros países têm limitações à transmissão de imagens em que são retratados casais homossexuais, como a Rússia. Não apresentando apenas uma forma de discriminação, mas também a incapacidade do Estado de intervir e permitir múltiplos tipos de violência estrutural, na tentativa de eliminar os direitos das pessoas de viverem com liberdade (Biroli, 2018).

Para Wittig (1992), na sociedade, o que define uma mulher como tal é a conexão social específica com um homem, uma conexão anteriormente caracterizada como servidão, envolvendo obrigações pessoais e físicas, bem como dependências econômicas (por exemplo, domesticidade coagida, responsabilidades conjugais, procriação incessante, etc.), um vínculo quebrado, já que, mulheres lésbicas não performam papéis de gênero pré-determinados por não estarem em um relacionamento heterossexual.

A existência lésbica, tal como explorado por Rich (2012), investiga o significado histórico das mulheres lésbicas e a construção de narrativas em torno do seu próprio ser. A força opressiva da heterossexualidade compulsória se coloca contra o reconhecimento desta existência, que se esforça para impor a heterossexualidade a todos, apagando quaisquer vestígios que confirmem a presença de lésbicas ao longo da história. Este apagamento e opressão perpetuam um ciclo de silenciamento, tornando a existência lésbica invisível continuamente.

Pesquisas sobre mulheres lésbicas surgiram inicialmente durante a transição das décadas de 1980 para 1990. Apesar do crescimento na década de 2000, o número de estudos científicos realizados sobre a homossexualidade feminina ainda é insuficiente em comparação com os progressos alcançados nos estudos de gênero. As mulheres lésbicas, e ainda mais, as bissexuais, continuam sendo pouco representadas tanto politicamente quanto dentro do próprio movimento LGBTQIAPN+, assim como nos estudos feministas brasileiros, que focam predominantemente nas experiências de mulheres brancas e heterossexuais (Freitas, 2022).

Na heteronormatividade, a adesão ao paradigma heterossexual é esperada de todos os indivíduos e relacionamentos, independentemente de sua orientação sexual. Essa norma posiciona a heterossexualidade como padrão normativo e válido, estipulando que indivíduos homoafetivos são aceitos somente quando está em conformidade com as convenções da

heterossexualidade, o que significa que eles mantêm a correlação direta entre sexo biológico e expressão de gênero. Os homens devem exibir traços tradicionalmente masculinos, enquanto as mulheres devem incorporar características consideradas cisgêneras.

Na perspectiva apresentada por Miskolci (2009), essa estrutura desconsidera e marginaliza as expressões de desejo não heterossexuais. Consequentemente, a heteronormatividade pode ser compreendida como um conceito que denota uma transformação na dinâmica do poder, em que medidas coercitivas e violentas para controlar ou “curar” homossexuais não são mais consideradas permitidas.

De acordo com Monique Wittig em seu livro “*O pensamento Hétero*” (1992), a lésbica desafia as noções tradicionais de gênero e sexualidade, oferecendo identidades alternativas que não estão de acordo com as expectativas da sociedade. Wittig argumenta que as lésbicas desafiam os papéis tradicionais de gênero ao não dependerem dos homens para obter apoio econômico, social ou emocional. Ao rejeitar a heterossexualidade compulsória, lésbicas criam novas formas de relacionamento que desafiam as estruturas patriarcais e oferecem formas alternativas de coexistência.

Simone de Beauvoir declara então, em seu livro *O Segundo Sexo* (1980), a famosa frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino”.

1.4 SOB O OLHAR DA HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

Adrienne Rich, em seu seminal ensaio “*Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*” (1980, traduzido para o português em diversas edições posteriores, incluindo a de 2012), argumenta que a heterossexualidade é mais do que uma preferência sexual; é uma instituição política e social que regula as vidas das mulheres. Nesse contexto, ela introduz a ideia de heterossexualidade compulsória, que descreve como a sociedade força as mulheres a se conformarem a um padrão heterossexual, limitando sua autonomia e reforçando as dinâmicas de poder patriarcais.

Rich (1980) propõe a “existência lésbica” não apenas como uma orientação sexual, mas como uma forma de resistência política. Ela sugere que a valorização de relações entre mulheres — sejam elas sexuais ou não — pode libertar as mulheres das pressões heteronormativas, permitindo que escolham suas parceiras (ou parceiros) com base em desejos autênticos, e não

na necessidade de cumprir papéis sociais pré-definidos. Nesse sentido, o empoderamento feminino ocorre quando as mulheres rejeitam a submissão às normas de gênero tradicionais, que frequentemente subordinam seus desejos, corpos e vidas aos homens.

Ao formular a noção de um continuum lésbico, Rich (1980) inclui experiências envolvendo a identificação de mulheres, além de simplesmente reconhecer se uma mulher já se envolveu ou desejou conscientemente um encontro sexual com outra mulher. Ao ampliar esse conceito para incluir várias formas de conexões profundas, a elaboração de um continuum lésbico não apenas amplia e intensifica o conceito de existência lésbica, mas também revela que a sensualidade não está restrita a nenhuma parte do corpo nem focada apenas no físico. Considerando a hipótese de que todas as mulheres existam em algum lugar em um continuum lésbico, pode-se imaginar uma mulher idosa chegando ao fim de sua vida, sendo cuidada, abraçada e apoiada por outras mulheres, pode-se perceber o potencial de entrar ou sair desse continuum, mesmo que nem todas as mulheres se identifiquem como lésbicas. Várias formas de vínculo feminino podem ser interconectadas, incluindo amizades, grupos de mulheres, iniciativas comunitárias e vários outros métodos de promover conexões sociais íntimas (Rich, 1980).

1.5 LIBERDADE SEXUAL VS EROTISMO

A sexualização das mulheres no cotidiano é um fenômeno estrutural que permeia diferentes contextos, desde as ruas até os espaços de trabalho e os meios de comunicação. Esse processo envolve a redução das mulheres a objetos de desejo sexual, em detrimento de sua individualidade e capacidades. No ambiente público, o assédio é uma das formas mais visíveis dessa prática, como observado por Bowman (1993), que descreve o assédio nas ruas como uma maneira de controlar o acesso das mulheres aos espaços públicos. Comentários sobre a aparência, olhares invasivos e comportamentos intimidadores fazem parte de uma rotina que limita a liberdade feminina e reforça desigualdades de gênero.

A desumanização das mulheres pode acarretar consequências graves, como a perpetuação de desigualdades de gênero e o estabelecimento de uma sociedade que não reconhece devidamente a capacidade das mulheres como indivíduos completos, com diversas habilidades, sentimentos e contribuições (Costa, 2018).

Uma pesquisa recente demonstrou que os atos violentos contra as mulheres em filmes pornográficos são mais comuns do que o esperado. Bridges et al. (2010) estudaram o conteúdo de 304 cenas dos filmes pornográficos mais comuns em seu estudo “*Análise de conteúdo da*

pornografia: Representações da violência sexual”, e os resultados mostraram que 88% das cenas envolveram violência física e 49% envolveram violência verbal. Os casos de violência mais comuns observados foram espancamentos (75%), engasgos durante o ato de sexo oral em homens (54%), insultos (49%), tapas (41%), puxões de cabelo (37%) e asfixia. (28%). Noutra pesquisa, D’Abreu (2003; p. 592–60) pesquisou sobre pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres, e percebeu-se que os perpetradores foram homens em 70% dos casos e em 94% dos casos as mulheres foram alvo da violência (D’Abreu, 2013).

Os danos associados à pornografia são mais extensos do que o simples desdém que causaria nas mulheres ao associá-las objetos, violá-las e depreciá-las, sendo reconhecida como o veículo mais significativo para a reprodução da desigualdade de gênero. Este tipo de discurso é acusado de ter um impacto decisivo na visão que a sociedade tem das mulheres e é uma importante causa de desigualdade social entre os gêneros, resultando em menos liberdade para as mulheres e, em última análise, conduzindo ao “silêncio” das mulheres, enfraquecendo a sua voz e o seu papel na política democrática. Por estas razões, os defensores desta visão argumentam que a censura à pornografia representa um avanço qualitativo na democracia e deve ser impulsionada por instituições políticas de igualdade de gênero (Silva, 2013).

A mídia – publicidade, videocliques, pornografia... – atua como ferramenta na banalização da sexualidade e a erotização do corpo feminino. Estes esforços visam reforçar modelos específicos de feminilidade que categorizam as mulheres como “recatadas” ou “vadias”, sendo que ambas estão disponíveis para consumo dos homens. É crucial reconhecer que a hipersexualização e a objetificação dos corpos das mulheres servem como forças motrizes por trás da indústria da moda capitalista, bem como a promoção de certos padrões de comportamento que estão associados à “liberdade sexual”. Esta imagem é estrategicamente utilizada como uma poderosa ferramenta de marketing para vender produtos, completamente desvinculada da luta feminista contra a opressão dos corpos (Silva, 2021).

O impacto da sexualização excessiva, que perpetua a objetificação dos corpos das mulheres através dos meios de comunicação, manifesta-se ao longo da vida da mulher. A maioria das mulheres cresce sem refletir criticamente sobre os padrões estabelecidos pelos meios de comunicação social, tornando difícil libertar-se desta narrativa unilateral que não foi escolhida ou negociada por elas. A luta feminista pela liberdade e autonomia sobre os corpos das mulheres cruza-se com a compreensão da feminilidade, pois está interligada com a luta pela igualdade e pela transformação da vida quotidiana, do trabalho e das condições de vida. Reconhecendo que o corpo e a mente estão interligados, afirmamos a nossa propriedade dos

nossos corpos, questionando as formas como o sistema capitalista influencia e molda os nossos comportamentos, colonizando os nossos pensamentos e desejos (Silva, 2021).

2 METODOLOGIA

Este estudo buscou compreender como mulheres lésbicas e bissexuais desenvolvem estratégias adaptativas para lidar com a fetichização e seus impactos na vida cotidiana. A hipersexualização, frequentemente reforçada por representações midiáticas e normas culturais, afeta significativamente as experiências e o bem-estar dessas mulheres, tornando fundamental analisar as formas de enfrentamento e mitigação desses efeitos.

Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa e descritiva, escolhida por possibilitar a compreensão aprofundada da realidade investigada e de suas problemáticas, conforme Gil (2007). A abordagem qualitativa permite analisar o ser humano como sujeito ativo na interpretação do mundo, considerando suas experiências como interativas e interpretativas (Oliveira, 2008). Nesse sentido, o método qualitativo prioriza a perspectiva dos participantes, valoriza a subjetividade e adota flexibilidade na condução da pesquisa, enfatizando o processo mais do que os resultados finais (Sampaio & Mancini, 2007; Moreira, 2002 apud Oliveira).

Participaram da pesquisa cinco mulheres lésbicas ou bissexuais, com idades entre 24 e 29 anos, residentes no município de Paulo Afonso-BA. Os critérios de inclusão foram: mulheres cis, lésbicas ou bissexuais, maiores de 18 anos e residentes no município. Foram excluídas mulheres transexuais, pessoas com dificuldades cognitivas que comprometessem a compreensão da entrevista e mulheres que nunca estiveram em um relacionamento afetivo.

Ressalta-se que o número de cinco participantes se mostrou adequado aos objetivos desta pesquisa, considerando seu caráter qualitativo, exploratório e descritivo. Observou-se recorrência nos discursos, bem como convergência nos sentidos atribuídos pelas participantes às experiências de hipersexualização, o que permitiu a construção consistente dos eixos analíticos e a articulação entre dados empíricos e referenciais teóricos. Dessa forma, o número de cinco participantes mostrou-se suficiente para atender aos objetivos propostos, garantindo rigor metodológico e densidade interpretativa, em consonância com os pressupostos da pesquisa qualitativa.

Para a seleção das participantes, utilizou-se o método Snowball (bola de neve), indicado para o estudo de populações de difícil acesso e socialmente estigmatizadas (Vinuto, 2014). A coleta de dados foi realizada a partir de questionário composto por 10 perguntas fechadas e 10 abertas, conforme apresentado nos apêndices, tendo sido aplicado no local de escolha da

participante. A ordem das perguntas e a lógica de encadeamento são cuidadosamente planejadas para garantir que o questionário seja coerente e fácil de entender para os participantes. Em média a aplicação do questionário demorou 30 minutos.

A análise dos dados foi realizada a partir da Análise Hermenêutica-Dialética, conforme proposta por Minayo (2002, 2006) e adaptada com Gomes (2007, 2014). Essa abordagem permite compreender os discursos considerando seus contextos sociais, políticos e relacionais, reconhecendo a inexistência de significados fixos no texto. A articulação entre Hermenêutica e Dialética possibilita um exame crítico-reflexivo da realidade, orientado pela interpretação, contradição e transformação social (Rodrigues, 2024).

No processo analítico, as falas das participantes foram examinadas à luz dos objetivos da pesquisa, estabelecendo relações entre as respostas obtidas e os referenciais teóricos adotados. A partir dessa leitura, foram construídos eixos analíticos que orientaram a organização e compreensão dos dados, definidos com base nos objetivos do estudo.

Os eixos analíticos que estruturaram a análise foram: (1) a erotização das relações entre mulheres pelo machismo, que buscou compreender como a construção social machista exerce influência sobre a percepção e representação das relações entre mulheres, muitas vezes distorcendo-as através de uma ótica erotizada e superficial; (2) os impactos da hipersexualização nos relacionamentos afetivo-sexuais, voltado a examinar as consequências dessa sexualização imposta pela sociedade sobre essas relações, incluindo como isso impacta a intimidade, a confiança e o reconhecimento dessas relações como válidas; e (3) estratégias de enfrentamento da hipersexualização no cotidiano, que buscou-se identificar as estratégias que essas mulheres adotam para resistir ou lidar com a sexualização excessiva que enfrentam diariamente, seja em ambientes sociais, profissionais ou na esfera pessoal.

Por fim, destaca-se que a pesquisa seguiu os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, assegurando o respeito aos direitos das participantes. Aprovada segundo CAAE nº: 80106624.8.0000.8166.

3 ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados os dados pessoais coletados durante a pesquisa, apresentando nomes fictícios como forma de manter o sigilo das participantes, focando em seus dados pessoais. A tabela a seguir apresenta as informações coletadas das entrevistadas.

Tabela 1 - Perfil das entrevistadas

Nome	Idade	Estado civil	Identificação sexual	Tempo de identificação	Educação Concluída
Camila	24	Solteira	Lésbica	Mais de 10 anos	Graduação
Lauren	28	Solteira	Lésbica	Entre 6-10 anos	Pós-graduação
Ally	24	Namorando	Bissexual	Entre 6-10 anos	Ensino Médio
Dinah	29	União estável	Lésbica	Mais de 10 anos	Ensino Médio
Normani	24	Solteira	Lésbica	Mais de 10 anos	Graduação

Nome	Renda Mensal	Está em um relacionamento atualmente	Enfrentou discriminação sexual
Camila	R\$ 2.001 - R\$ 3.000	Não	Sim
Lauren	R\$ 3.001 - R\$ 4.000	Não	Não
Ally	R\$ 1.000 - R\$ 2.00	Sim	Não
Dinah	R\$ 4.001 - R\$ 5.000	Sim	Sim
Normani	R\$ 2.001 - R\$ 3.000	Não	Sim

As narrativas coletadas serão analisadas com o objetivo de investigar a hipersexualização de mulheres lésbicas e bissexuais na sociedade. Ao longo da análise, serão explorados três eixos:

1. Descrever como o machismo erotiza relações entre mulheres.
2. Investigar como a hipersexualização afeta os relacionamentos afetivos sexuais de mulheres que se relacionam com mulheres.
3. Analisar como mulheres lésbicas e bissexuais lidam com a hipersexualização no cotidiano.

A pergunta de pesquisa que orienta a análise é: como mulheres lésbicas e bissexuais lidam com a hipersexualização de suas relações? A partir dessa questão central, pretendeu-se aprofundar o entendimento sobre as vivências dessas mulheres, considerando os impactos emocionais, sociais e relacionais que a sexualização excessiva pode ter em suas vidas.

EIXO 1. DESCREVER COMO O MACHISMO EROTIZA RELAÇÕES ENTRE MULHERES

Para entender como o machismo erotiza relações entre mulheres, foram analisadas as respostas das participantes às perguntas sobre como elas vivenciam sua sexualidade no dia a

dia, também sobre como elas enxergam que a sociedade vê esses relacionamentos e se acham que o machismo influencia essa visão, assim como se já vivenciaram alguma situação em que se sentiram objetificadas.

- Camila: “a vivência é... sempre cercada de julgamento... eu já escutei muito homem falando tipo ‘Ai, beija fulana pra eu ver’. Ou senão, ficando com alguma menina e passar algum homem comentando, tipo, ‘ai, me deixa participar’. E até mesmo quando você tá em algum relacionamento, é muito comum comentários do tipo, ‘ai, vocês não aceitam mais uma pessoa no relacionamento?’, querendo se infiltrar, querendo ter esse olhar de fetiche mesmo... O homem já vê a mulher como um objeto sexual. E duas mulheres, então, se relacionando... Ele vê esse objeto sexual em dobro.”

- Normani: “é muito complicado se você tá no ambiente que você tá acompanhada por outra mulher, e explica que vocês são um casal, o homem vai objetificar, e já aconteceu comigo do homem vim pedir para participar e ou de receber convites para participar de um trisal... E isso é muito difícil, porque é como se, mais uma vez, a gente só servisse para ser como um objeto sexual para o homem... quando são duas mulheres muito femininas, a gente não sofre muita homofobia. É como se fosse mais aceito pelos homens, inclusive por conta da sexualização... Eu acho que o relacionamento entre duas mulheres, antes do preconceito, antes da homofobia, ele vem muito mais como um fetiche.”

As falas de Camila, Dinah e Normani oferecem um panorama sobre como o machismo e a cultura patriarcal erotizam relações entre mulheres, reduzindo-as a fantasias sexuais para o prazer masculino. Observemos três pontos importantes: A objetificação e fetichização, normas de heteronormatividade, e religiosidade e preconceito.

A fala da Camila reflete a ideia de que a sociedade vê as relações entre mulheres como oportunidades de fetichização para os homens, que as interpretam a partir de uma ótica sexual, as diminuindo a objetos que lhe trarão prazer. Essa perspectiva está alinhada com as teorias de Gayle Rubin, que em 2017, em seu livro Políticas de sexo, discute o papel do patriarcado em transformar as relações e corpos das mulheres em objetos para o prazer masculino. Rubin argumenta que o sistema patriarcal molda as experiências femininas, especialmente as sexuais, a partir de uma ótica machista, que frequentemente marginaliza e erotiza lésbicas ao torná-las um espetáculo para o olhar masculino.

A fala da Normani traz à tona a questão de como a heteronormatividade influencia a percepção da sexualidade entre mulheres. Homens, como ela aponta, veem casais de mulheres – especialmente as que fogem dos estereótipos lésbicos – como “menos homossexuais” e mais como “fantasias” em potencial. Para Simone de Beauvoir (1980), a sociedade patriarcal coloca as mulheres como “o outro” – algo a ser explorado, dominado e moldado para atender às expectativas masculinas. Assim, a relação lésbica é constantemente vista por meio de um viés de heteronormatividade e pornografia, onde o prazer e a intimidade feminina são invalidados e

apropriados pela visão masculina.

Essas perspectivas ajudam a ilustrar como a sociedade patriarcal erotiza e objetifica relações entre mulheres, minimizando suas experiências afetivas e construindo uma narrativa onde a presença masculina é vista como essencial ou desejável. Esse machismo desenfreado contribui para a marginalização de mulheres que se relacionam entre si, reduzindo suas vivências a estereótipos e fantasias construídas pelo olhar masculino.

Esses relatos demonstram que o machismo perpetua uma visão distorcida das relações entre mulheres, deslegitimando-as e transformando-as em objetos de fetiche. A erotização decorrente dessa visão afeta o reconhecimento e a seriedade com que a sociedade encara os relacionamentos entre mulheres.

EIXO 2. INVESTIGAR COMO A HIPERSEXUALIZAÇÃO AFETA OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS SEXUAIS DE MULHERES QUE SE RELACIONAM COM MULHERES

Para explorar como a hipersexualização afeta os relacionamentos entre mulheres, foram analisadas as respostas para perguntas sobre como as participantes lidam com situações em que sentem que sua sexualidade está sendo usada como uma forma de entretenimento ou fetiche por outras pessoas, se já chegaram a evitar lugares por conta disso, e se elas acham que essa fetichização afeta de alguma maneira seus relacionamentos afetivos. A partir desses questionamentos, as participantes compartilharam:

-Ally: “eu acho que as pessoas veem muito como que alguém quer ser o homem da relação, né? Como se tivesse que ter o macho. Tem que ter. Então alguém é. Quem é? Não tem que ter... Mas eu já soube de tipo, de comentários, mais pela questão não de eu estar beijando uma menina, mas sim por ser casada. Entendeu? Aí fica mais isso ‘Tá atraindo o homem, né?’, tipo ‘a mulher de ** se beijando com a menina ali, ele aqui dentro’, Tudo isso... Eu acho que o que doeu foi isso. Eu dei uma remoída nesse assunto um pouco. Mas por que você vai andar com uma plaquinha? ‘sou não monogâmica, bissexual, tome minha carteirinha’.”

Normani: “Nunca afetaram porque eu sempre me relacionei, tentei na verdade, tento me relacionar com mulheres bem resolvidas. Então, por exemplo, eu nunca me apaixonei por uma mulher hétero, que tem essa coisa, né? da mulher lésbica se apaixonar por uma mulher hétero, nunca me aconteceu, nunca me relacionei com alguém que estava muito em dúvida do que queria, então não afetou, no meu caso nunca afetou”.

Esses depoimentos mostram que a hipersexualização imposta pela sociedade gera inseguranças e tensões nos relacionamentos afetivos entre mulheres. A pressão para provar a legitimidade de seus relacionamentos e a autocensura constante prejudicam o desenvolvimento

emocional e a intimidade entre parceiras.

As falas de Ally e Normani revelam como a sexualização excessiva afeta as dinâmicas dos relacionamentos afetivos entre mulheres que se relacionam com mulheres. Tais respostas trazem à tona expectativas acerca de gêneros e sexualidade, a fala de Ally ilustra a pressão social que impõe a necessidade de um "papel masculino" em relacionamentos entre mulheres. Ela aponta que as pessoas tendem a buscar uma figura de masculinidade, questionando "quem é o homem da relação?". Isso se relaciona com o que Judith Butler (1990) discute em sua obra "Gender Trouble", onde ela argumenta que o gênero é uma performance e que a heteronormatividade pressiona indivíduos. Ally expressa a frustração de ter que justificar sua identidade e seus relacionamentos em face de estereótipos, sugerindo que a hipersexualização das relações lésbicas frequentemente faz com que a intimidade seja vista como um espetáculo para o olhar masculino, em vez de uma experiência autêntica.

A fala de Normani fornece um contraponto interessante, apresentando experiências positivas e relações conscientes, uma vez que ela afirma que nunca se sentiu afetada pela hipersexualização em suas relações. Ela destaca que sempre buscou se relacionar com mulheres "bem resolvidas", o que sugere uma escolha consciente em evitar relações que poderiam ser influenciadas pela fetichização e insegurança. Essa perspectiva ecoa a ideia de que a escolha de parceiras afetuosas e seguras pode minimizar o impacto da hipersexualização nos relacionamentos. Além disso, a obra de Adrienne Rich (2012) em "Heterossexualidade compulsória e existência lésbica" discute como as mulheres podem se empoderar ao escolher suas parceiras com base em desejos autênticos, em vez de se submeter a dinâmicas de gênero tradicionais.

As experiências compartilhadas por Ally, Camila e Normani ilustram a complexidade das relações afetivas entre mulheres no contexto da hipersexualização e das expectativas de gênero. Enquanto algumas mulheres enfrentam a objetificação e a pressão de conformar-se a papéis de gênero, outras conseguem navegar essas dinâmicas através de relacionamentos conscientes e respeitosos. Essa análise não só destaca os desafios que mulheres que se relacionam com mulheres enfrentam, mas também abre espaço para discussões sobre empoderamento, escolha consciente e a necessidade de um olhar mais respeitoso e autêntico sobre a sexualidade feminina.

EIXO 3. ANALISAR COMO MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS LIDAM COM A HIPERSEXUALIZAÇÃO NO COTIDIANO

A fim de entender como essas mulheres lidam com a hipersexualização, foram examinadas suas respostas sobre estratégias de enfrentamento e bem-estar emocional para lidar com essa realidade. Foram apresentadas questões em busca de experiências ou recursos que elas encontraram particularmente úteis para o seu bem-estar emocional e sexual para lidar com essas questões.

- Lauren: “quando eu comecei a focar mais nos meus estudos, eu digo que foi a minha válvula de escape nesse período todo. E a partir desse momento, foi quando eu comecei a mudar minhas amizades, andar com outras pessoas, andar com pessoas que eram lésbicas, que eram gays. Então, assim, quando você se insere naquele ciclo, você se sente acolhido, muda tudo você sente, você sabe que você pode ser você mesmo, você pode expressar as coisas que você quer... E até hoje eu digo que a minha válvula de escape sempre foram os livros, ler, estudar, compreender, principalmente essa questão da sexualidade”.

- Ally: “Normalmente, eu já ando nos lugares que eu me sinto bem à vontade. A gente não costuma ir mais pra esses barzinhos. Mas, assim, também tem essa questão de que são lugares mais heteronormativos... O meio que eu vivo já é muito LGBTQIA, então acaba que eu não sei, eu não lido muito com os héteros”.

- Dinah: “já passei por muita situação de responder e ter briga, eu comecei a evitar barzinhos que não frequentassem essas pessoas... meus amigos eram todos lgbt, todos, sem exceções, não tinha nem um hétero. Eram todos assim, tipo, eu só gostava de andar com eles e tal, eu não saía também com outras pessoas... E aí, pronto, falou uma vez eu vou e corto, já não fala já não fala mais, por isso que hoje já é mais diferente esse convívio e tipo lá, eu só estabeleci o limite, estabelecer limites. A palavra é isso mesmo, estabeleci limites e me aceitei de verdade”.

- Normani: “a minha profissão também influencia o meu comportamento hoje em dia, mas em situações já vividas eu sempre fui muito explosiva... o recurso foi a autodefesa e muita terapia, porque na verdade nem tanto pela terapia, mas para autodefesa mesmo, e tipo, mesmo sendo muito bem entendida da minha orientação sexual, então nunca estive confusa disso, sempre estive muito certa disso, então eu me apossei de um lugar de fala e entendi que eu vou passar por isso, infelizmente. E sempre que eu passo por isso, eu tento me defender. Então, acho que a autodefesa é o maior recurso que eu consegui encontrar. Antes, uma autodefesa muito mais agressiva. Hoje, muito mais argumentativa”.

- Camila: “O recurso que eu usei foi estudar mesmo. Então, eu acho que não só questão de estudar sobre, se informar sobre, mas saber que você... Tem que se respeitar, no sentido de você tem que... ‘Ai, não, é o jeito de fulano’, pois fulano vai ficar com o jeito dele porque eu vou embora. Porque eu não aceito isso, é uma falta de respeito comigo”.

A partir das falas das participantes, é possível identificar temas centrais como auto aceitação, construção de espaços seguros, estabelecimento de limites, resistência e educação,

que se entrelaçam na luta contra a objetificação e a marginalização.

Lauren compartilha uma jornada de autodescoberta que inclui momentos de isolamento e dúvida. Essa vivência de isolamento, muitas vezes, é uma resposta à hipersexualização e ao julgamento social. A necessidade de se afastar para lidar com a própria identidade reflete a pressão que muitos enfrentam para se conformar a normas heteronormativas. Michel Foucault, em "A História da Sexualidade", de 1970, argumenta que a sexualidade é frequentemente sujeita a discursos de controle, levando indivíduos a se sentirem inadequados ou marginalizados. Lauren menciona a autoaceitação como um ponto crucial para lidar com a discriminação e o preconceito, ressaltando que compreender sua própria identidade é um passo importante para rebater comentários prejudiciais.

A estratégia de Lauren de focar nos estudos e na leitura como uma válvula de escape é um exemplo de como a educação pode servir como um meio de empoderamento. Bell hooks, em "Teaching to Transgress", de 1994, destaca a educação como uma ferramenta de libertação e transformação pessoal, permitindo que indivíduos adquiram conhecimento e autoafirmação em face da opressão.

Ally expressa a importância de frequentar ambientes onde se sente confortável: "Normalmente, eu já ando nos lugares que eu me sinto bem à vontade." A escolha ativa de espaços seguros é uma estratégia fundamental para lidar com a fetichização e o preconceito. A construção de comunidades acolhedoras para a população LGBTQIA+ é uma forma de resistência contra a cultura heteronormativa que permeia muitos espaços sociais. Audre Lorde (2019), em "Sister Outsider", argumenta que é essencial criar redes de apoio onde identidades podem ser afirmadas e celebradas, promovendo um senso de pertencimento e segurança.

Ao se cercar de pessoas que compartilham experiências e identidades semelhantes, Ally e outras participantes encontram um espaço onde podem ser autênticas e livres de julgamentos. Essa criação de ambientes seguros é crucial para o desenvolvimento da autoaceitação e para a construção de relações saudáveis e solidárias.

As falas de Dinah e Normani destacam a importância do estabelecimento de limites em situações de hipersexualização. Dinah menciona que "já estabeleci o limite", indicando um crescimento pessoal e uma autoafirmação diante de comportamentos inadequados. O ato de impor limites é uma forma de proteger a si mesma e de garantir que seu espaço e sua identidade sejam respeitados. A habilidade de estabelecer esses limites é crucial para a proteção emocional e pode ser vista como um aspecto de autodefesa. Brené Brown (2012), em "Daring Greatly", enfatiza a importância de ser vulnerável, mas também de afirmar limites saudáveis nas relações,

o que permite que indivíduos se defendam de comportamentos que não respeitam sua identidade.

Normani, por sua vez, expressa sua intolerância em relação à hipersexualização, descrevendo situações desconfortáveis e a necessidade de se afirmar: “Não preciso de sua bebida, tome ela de volta.” Esse tipo de resistência ativa é um exemplo de empoderamento. Judith Butler (1990) em "Gender Trouble", discute como a performatividade de gênero pode ser usada como uma forma de resistência, desafiando as normas sociais e transformando a sexualização excessiva em um espaço de reivindicação de identidade e respeito.

Normani também traz à tona o tema da resistência e da autodefesa, mencionando a dificuldade de lidar com a objetificação: “É muito constrangedor, muito constrangedor você estar no local e você sentir que tem aquele homem escroto ali, te sexualizando o tempo todo.” A resistência ao comportamento sexualizado não apenas serve como uma forma de autodefesa, mas também representa uma luta contínua contra a objetificação. A autodefesa, conforme Normani descreve, evoluiu de uma postura explosiva para uma abordagem mais argumentativa, refletindo um aprendizado e adaptação diante das experiências vividas. Essa evolução é uma forma de crescimento pessoal e uma busca por formas mais saudáveis de lidar com a hipersexualização.

Camila enfatiza a importância da educação em seu processo de enfrentamento: “O recurso que eu usei foi estudar mesmo.” O aprendizado sobre machismo e sexualidade se torna uma ferramenta vital para reconhecer e combater a hipersexualização. A educação, conforme argumenta Paulo Freire (1980), em "Pedagogia do Oprimido", é essencial para a conscientização e transformação social. Ao estudar e compreender as dinâmicas de opressão, Camila não apenas se empodera, mas também se prepara para reagir a comportamentos que considera desrespeitosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para desenvolver esse estudo, foram estabelecidos três objetivos específicos. O primeiro, de descrever como o machismo erotiza relações entre mulheres, o qual foi abordado com perguntas abertas no questionário, o que permitiu que as participantes refletissem sobre as experiências e percepções em relação à erotização imposta sobre elas. Permitindo relatos que expõem como o machismo insiste em interpretar a relação entre mulheres como algo disponível para o prazer masculino, reafirmando a objetificação que enfrentam.

O segundo objetivo, investigar como a hipersexualização afeta os relacionamentos

afetivos e sexuais de mulheres que se relacionam com mulheres, trouxe respostas intensas e, em muitos casos, dolorosas, tocando pontos importantes como a ideia de que um relacionamento entre duas mulheres precisa reproduzir a heteronormatividade, com uma suposta figura "masculina" na relação. Esse estigma influencia a maneira como as mulheres vivem suas relações, mostrando como os estereótipos machistas ainda permeiam até as interpretações de seus relacionamentos.

Por fim, o terceiro objetivo, analisar como lésbicas e bissexuais lidam com a hipersexualização no cotidiano, foi desenvolvido através de perguntas voltadas ao impacto dessa questão em suas rotinas diárias. Observou-se que muitas delas criam estratégias de proteção, cercando-se de amizades e redes de apoio LGBTQIA+, frequentando espaços seguros, onde podem se expressar sem receio de julgamento ou hipersexualização.

Ao analisar a questão da invisibilidade e da sexualização excessiva de mulheres lésbicas e bissexuais, sobretudo no contexto nordestino brasileiro, fica evidente como essas mulheres são “aprimonadas” em uma rede complexa de estereótipos, machismo e preconceito. A hipersexualização das relações entre mulheres lésbicas e bissexuais é, na realidade, um reflexo direto do machismo estrutural que molda a sociedade, onde a visão masculina é dominante e define o que é “aceitável” ou “desejável”. Quando dois homens heterossexuais comentam sobre o desejo de “assistir” ou “participar” de um relacionamento entre duas mulheres, como foi relatado por Camila e Normani, estão, na verdade, reafirmando a ideia de que essas mulheres não têm autonomia sobre seus corpos e relacionamentos.

É preciso refletir sobre o quanto esse fetiche e a falta de respeito com que muitas vezes tratam as mulheres lésbicas e bissexuais não são apenas reflexos de desejo, mas de uma cultura que ensinou os homens a enxergar as mulheres como objetos e não como seres autônomos. A transformação das relações entre mulheres em espetáculo ou entretenimento é um sinal de uma sociedade que precisa, urgentemente, educar para o respeito e a empatia.

Esse estudo, portanto, não apenas ilumina a opressão vivida por mulheres lésbicas e bissexuais, mas também lança uma crítica contundente ao machismo e à cultura heteronormativa que permeia essa região do nordeste brasileiro. Ele revela o peso da objetificação e a necessidade de dismantelar essas percepções para criar uma sociedade que respeite, acolha e valide todas as formas de amor e expressão de gênero.

Mais do que uma questão de privacidade, trata-se de um direito à dignidade e ao respeito, algo que a sociedade brasileira, em muitos aspectos, ainda precisa aprender a oferecer. O percurso desta pesquisa, por mais breve que seja, revelou nuances e dilemas profundos que

refletem uma realidade muito além do que imaginamos. Que este estudo possa ser um incentivo para mais investigações e ações que promovam o respeito e a igualdade para essas mulheres.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOWMAN, Cynthia Grant. Street harassment and the informal ghettoization of women. **Harvard Law Review**, Cambridge, v. 106, n. 3, p. 517–580, 1993.

BRIDGES, Ana J. et al. Aggression and sexual behavior in best-selling pornography videos: a content analysis update. **Violence Against Women**, Thousand Oaks, v. 16, p. 1065–1085, 2010.

BROWN, Brené. **Daring greatly: how the courage to be vulnerable transforms the way we live, love, parent, and lead**. New York: Gotham Books, 2012.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151–172.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Ana Kerlly Souza da. Hipersexualização frente ao empoderamento: a objetificação do corpo feminino evidenciada. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 2018, Rio Grande. **Anais**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2018.

D’ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592–601, 2013.

FEDERICI, Sílvia. **O ponto zero da revolução**. São Paulo: Elefante, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREITAS, Luma Renata Tavares de. A importância do reconhecimento social na construção da identidade sexual de mulheres não heterossexuais no sul da Bahia. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 64, e226414, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79–108.

HOOKS, bell. **Teaching to transgress: education as the practice of freedom**. New York: Routledge, 1994.

LORDE, Audre. **Sister outsider**. London: Penguin Classics, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (orgs.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 83–107.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma análise da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150–182, 2009.

MONEY, John. **Hermafroditismo: uma investigação sobre a natureza de um paradoxo humano**. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1955.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, Cascavel, 2008.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas – Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades**, Natal, v. 4, n. 5, 2012.

RODRIGUES, Paula Sousa et al. Perspectivas de estudantes e egressos sobre a aprendizagem baseada em problemas na formação de enfermeiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 8, 2024.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 2001.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83–89, 2007.

SILVA, Gabriela Boldrini da; MENANDRO, Maria Cristina Smith. Sobre o amor entre mulheres: apontamentos sobre conjugalidade e sexualidade. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 1–23, 2021.

SILVA, Jéssica Cristina Cardoso Barbosa da. Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 143–165, 2013.

SOUZA, Aline Pereira; HENRIQUE, Paulo de Moraes. Empoderamento feminino: a mulher e a memória na literatura de Paula Tavares e Luís Cardoso. **Revista Diálogos**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 35–49, 2020.

SOUZA, Carolina de; SANTOS, Maria Aparecida dos. Sutilezas do relacionamento afetivo-sexual entre mulheres em Retrato de uma Jovem em Chamas. **Revista Estudos Feministas**,

Florianópolis, v. 31, n. 2, 2023.

VIANNA, Adriana M. **LGBTI+ em movimento: cidadania e resistência**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, v. 22, p. 203–220, 2014.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário que será aplicado às participantes da pesquisa:

Informações pessoais

Nome:

Idade:

☐ Menos de 18 anos

☐ 18-24 anos

☐ 25-34 anos

☐ 35-44 anos

☐ 45-54 anos

☐ 55 anos ou mais

Estado civil:

☐ Solteira

☐ Casada

☐ União estável

☐ Divorciada

☐ Viúva

☐ Outro:

Educação concluída:

☐ Ensino Fundamental

☐ Ensino Médio

☐ Ensino Técnico

☐ Graduação

☐ Pós-Graduação

☐ Nenhuma

Ocupação:

☐ Empregada em tempo integral

☐ Empregada em meio período

☐ Desempregada

☐ Estudante em tempo integral

☐ Estudante em meio período

☐ Outro:

Renda Familiar Mensal:

☐ Menos de R\$ 1.000

☐ R\$ 1.000 - R\$ 2.000

☐ R\$ 2.001 - R\$ 3.000

☐ R\$ 3.001 - R\$ 4.000

☐ R\$ 4.001 - R\$ 5.000

☐ Mais de R\$ 5.000

Localização Geográfica:

☐ Reside em Paulo Afonso – Bahia

☐ Reside em outro local. Qual: _____

Se identifica como mulher lésbica/Bissexual?

☐ Sim, sou lésbica

☐ Sim, sou bissexual

☐ Não

Tempo de Identificação como Lésbica/bissexual:

☐ Menos de 1 ano

☐ 1-5 anos

- ☐ 6-10 anos
☐ Mais de 10 anos

Você está em um relacionamento atualmente?

- ☐ Sim ☐ Não

Você já enfrentou discriminação devido sua sexualidade?

- ☐ Sim ☐ Não

Experiências

1. Em que momento você se descobriu e como foi o processo de se assumir?
2. Como você vivencia a sua sexualidade no dia a dia?
3. Você já se sentiu sexualizada ou objetificada em alguma situação por terceiros? Como você lidou com isso?
4. Você acredita que isso influencia na forma como você se expressa nos ambientes?
5. Como você lida com situações em que sente que sua sexualidade está sendo usada como uma forma de entretenimento ou fetiche por outras pessoas? E por causa disso, você já evitou lugares ou pessoas por receio de ser hipersexualizada?
6. Na sua visão, como a sociedade vê os relacionamentos entre duas mulheres? E você acha que o machismo influencia nessa visão?
7. Você acha que essa hipersexualização afeta de alguma maneira seus relacionamentos afetivos?
8. Como você percebe a representação de relações entre mulheres na mídia? E você acha que essas representações reforçam estereótipos machistas?
9. Alguma experiência ou recurso que você encontrou particularmente útil para o seu bem-estar emocional e sexual para lidar com essas questões?
10. Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência como mulher lésbica que não foi abordado nas perguntas anteriores?